



## A IMPORTÂNCIA DOS PAIS NA CONSTRUÇÃO DA RESILIÊNCIA INFANTIL

*Eveline Rolin Rocha Canteiro<sup>1</sup>*  
*Emily Cristine Schanne Silva<sup>2</sup>*  
*Cristiano Furtado Scarpazza<sup>3</sup>*

### RESUMO

O presente artigo possui caráter exploratório e buscou compreender a importância dos pais na construção da resiliência infantil. A análise do tema se deu a partir de um levantamento de estudos realizados e apontou que a capacidade resiliente está ligada a fatores ambientais, familiares, emocionais, sociais e econômicos, que para alcançar seres humanos mais saudáveis é necessário um processo resiliente, o qual pode ser desenvolvido perante uma infância com apoio, constatou-se também que com essa capacidade resiliente é possível que as crianças aprendam a lidar com situações adversas durante todas as fases da vida. Para este estudo, foi realizada busca por análise de resumo dos artigos pelas palavras-chave “resiliência”, “infância”, “família” e “adversidades” em período de até 10 anos de publicação nas plataformas Google Acadêmico e Scielo. O estudo apontou a necessidade da intervenção dos poderes públicos na busca de manter o equilíbrio e controle das situações que podem oferecer situações de risco ao desenvolvimento do indivíduo, entendendo que a criança precisa de apoio durante seu desenvolvimento e que esse apoio irá garantir a ela melhor desenvoltura e capacidade de lidar com as situações adversas que encontrará durante todas as fases da vida.

**Palavras-chaves:** Resiliência; Família; Criança.

### ABSTRACT

This article is exploratory in nature and sought to understand the importance of parents in building children's resilience. The analysis of the theme was based on a survey of studies carried out and encouraged that resilient capacity is linked to environmental, family, emotional, social and psychological factors, that to achieve healthier human beings a resilient process is necessary, the which can be developed before a supportive childhood, it was also found that with this resilient capacity it is possible for children to learn to deal with adverse situations during all stages of life. For this study, a search was carried out by analyzing the abstract of the articles by the keywords "resilience", "childhood", "family" and "adversities" in the period of

---

<sup>1</sup>CANTEIRO, Eveline Rolin Rocha: Acadêmica do VIII termo Curso de Bacharelado e Licenciatura em Psicologia da Faculdade Ágora- FAG; Campo Novo do Parecis-MT; e-mail: Eveline.rocha.acad@faculdadeagora.edu.br

<sup>2</sup>SILVA, Emily Cristine Schanne: Acadêmica do III termo Curso de Bacharelado e Licenciatura em Psicologia da Faculdade Ágora- FAG; Campo Novo do Parecis-MT; e-mail: Emily.schanne.acad@faculdadeagora.edu.br

<sup>3</sup>SCARPAZZA, Cristiano Furtado: Professor na Faculdade Ágora, Graduado no curso de Psicologia da Faculdade de Quatro Marcos – FQM. Pós-graduado no curso de pós-graduação Lato Sensu em Tutoria em Educação à Distância da Faculdade do Noroeste de Mato – AJES. Especialista em Psicologia Jurídica pela Universidade Cândido Mendes - UCAM, Especialista em Gestão em Saúde pela UNEMAT, Mestre em Promoção da Saúde, Desenvolvimento Humano e Sociedade pela Universidade Luterana do Brasil - ULBRA, Psicólogo Clínico da Secretaria Municipal de Saúde de Campo Novo do Parecis/MT. Orientador. E-mail: cristianoscarpazza@gmail.com.



## FACULDADE ÁGORA 3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAG 2022/02



up to 10 years of publication on the Google Scholar and Scielo platforms. The study allowed for the need for public authorities to intervene in the quest to maintain balance and control of situations that may pose risk situations to the individual's development, understanding that the child needs support during its development and that this support will guarantee its better development and ability to deal with the adverse situations they will encounter during all stages of life.

Keywords: Resilience; Family; Child.

### 1 INTRODUÇÃO

O termo resiliência segundo Angst (2009, p. 254) originou-se no âmbito da física e da engenharia, sendo conhecido há pouco tempo na área de Ciências Sociais e Humanas.

Segundo Souza e Cerveny (2006) o conceito de resiliência é recente nas áreas humanas e no Brasil onde o mesmo começou a ser estudado por volta de 1996 e 1998, iniciando-se um estudo com crianças expostas a situações de risco, fatores de proteção, vulnerabilidade psicossocial e perfil do executivo (ANGST, 2009, p. 254).

Os estudos sobre a resiliência começaram a surgir devido à seguinte questão: como indivíduos que sofreram por algum risco social podem adaptar-se positivamente enquanto outros são mais vulneráveis em alguma situação estressante? O que será que influencia a resposta de um indivíduo frente às adversidades? (LUTHAR, 1993, em KAPLAN, 1999, apud INFANTE, 2005, p. 24). Perante esta indagação surge uma possível resposta muito estudada e alinhada, que é o estado de resiliência.

De acordo com Moraes e Rabinovich (1996) a resiliência ocorre minimizando os efeitos negativos da adversidade e maximizando a habilidade de adequação em um mundo potencialmente hostil e complexo. Estes autores também afirmam que as pesquisas mostram três grandes fontes de resiliência, sendo elas: atributos da criança, atributos do ambiente e atributos do funcionamento psicológico da criança.

A capacidade de resiliência em si não se trata apenas sobre resistência absoluta ao estresse e as dificuldades, mas sim a capacidade de superar eventos estressores, onde o indivíduo além de suas características individuais pode contar com o apoio de sua rede social e afetiva (PAULA JÚNIOR & ZANINI, 2011; POLETTTO, 2008, apud SEMENSATO, BOSA, 2017, p. 1).

Sobre a relação humana a mesma é apoiada pelo autor Yunes (2003, apud. JULIANO, YUNES, 2014, p. 136), o qual alega que estas são protetoras e promotoras de resiliência.



**FACULDADE ÁGORA**  
**3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO**  
**CIENTÍFICA DA FAG**  
**2022/02**



Segundo um estudo desenvolvido por Alvaréz, Moraes e Rabinovich (1998, apud POLETTO, WAGNER e KOLLER, 2004, p. 241) crianças com longa permanência em orfanatos apontam a instituição como norteadora e mediadora de situações de risco na infância, a qual promove um auxílio no comportamento dessas crianças, se igualando a uma representação de parentagem. Os autores indicam também que esta instituição proporcionou a promoção de uma capacidade de resiliência nestas crianças. Além disso, outros autores alegam que há sim uma grande importância na figura de apego durante a infância como parte do processo de recuperação e desenvolvimento saudável (FONAGY, STEELE, HIGGITT, & TARGET, 1994, apud. SOUZA, CERVENY, 2006, p. 119).

Segundo Delvan, Becker e Braunn (2010, p. 350) os estudos recentes sobre resiliência abordam a importância de se examinar o contexto em que a criança está inserida, pois, sabe-se que através deste encontram-se os fatores de risco ou de proteção.

Sobre esses fatores de risco e as adversidades que começaram a intrigar os pesquisadores, Souza e Cerveny (2006, p. 119) concluem que os temas mais estudados pelos pesquisadores em geral são sobre: “[...] refugiados sobreviventes a guerras e ao holocausto, fatores proterores e de risco relacionados à saúde, abuso sexual na infância, exposição de afro-americanos à violência familiar, uso de drogas por adolescentes, saúde do cuidador de doentes agudos e crônicos, filhos de alcoólatras e drogadictos e estresse familiar, violência e etnia, crianças com necessidades especiais, estresse ambiental, fatores relacionados ao desempenho acadêmico e divórcio”. Percebe-se assim, pela pesquisa dos autores, o porquê de os primeiros pesquisadores buscarem compreender o que faz de alguns indivíduos se adequarem a traumas tão grandiosos, enquanto outros não.

Para Poletto e Koller (2008, p. 409) o impacto desses eventos negativos ocorre pelo modo que são percebidos, como por exemplo: “a maneira como uma criança que foi violentada fisicamente lidará com esta situação dependerá do contexto no qual essa violência aconteceu, quais são os ambientes que ela frequenta, sua rede de apoio, seu momento no desenvolvimento, suas experiências, seus processos psicológicos e características individuais”.

Dessa forma, observa-se que os fatores de risco poderão ser enfrentados através da percepção da criança, a qual é desenvolvida pelo próprio contexto em si.

Discursando agora sobre o papel familiar, para Walsh (2012, apud. SEMENSATO, BOSA, 2017, p.1) a resiliência familiar se dá por crenças construídas acerca de: “(a) Padrões de Organização Familiar, ou seja, flexibilidade e coesão das relações, recursos sociais e econômicos da família, e (b) Processo de Comunicação da Família, responsável pela transmissão das crenças, pela expressão emocional e pela forma de resolução de problemas na



**FACULDADE ÁGORA**  
**3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO**  
**CIENTÍFICA DA FAG**  
**2022/02**



família, entre outros fatores”, o autor alega, que não há uma família resiliente, mas sim uma família que se preocupa em desenvolver forças e recursos que possibilitem a resiliência no contexto em que estão inseridas.

Neste presente artigo o objetivo foi investigar na literatura existente onde os pais, ou responsáveis, atuam no contexto da criança e como estes colaboram para a promoção de resiliência infantil.

## **2 METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa qualitativa onde os processos e seus significados são os focos principais da abordagem, caracterizando-se em princípio pela não utilização de meios e técnicas estatísticas, consiste em analisar criticamente os dados coletados (SILVA, MENEZES, 2001).

Do ponto de vista da sua natureza é uma pesquisa básica estratégica, cujo foco é aprofundar o conhecimento científico sobre o assunto, conforme Gil (2010) esse tipo de pesquisa diz respeito àquelas em que há aquisição "de novos conhecimentos direcionados a amplas áreas com vistas à solução de reconhecidos problemas práticos".

Quanto a abordagem em seus objetivos é uma pesquisa exploratória, pois busca informações dos indivíduos que são ou estão interligados aos profissionais de psicologia, para Gil (2002) esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando mais evidente.

Realizou-se um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, que são capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema. Em primeiro momento os artigos foram selecionados por meio do título e em seguida pelos resumos e artigos que se referenciam ao tema resiliência como mecanismo para compreensão da capacidade da criança enfrentar ou não as adversidades que a vida pode apresentar. A população do estudo foi composta por toda a literatura relacionada ao tema de estudo disponível no Scielo (Scientific Electronic Library OnLine) e google acadêmico.

Foram incluídos artigos que buscavam contribuir com o objetivo proposto e foram selecionados artigos publicados no período 2014 a 2022, no idioma português, todos os tipos de delineamentos metodológicos foram aceitos. Em seguida à coleta dos dados, foi feita a leitura de todo o material e as principais informações foram compiladas. Posteriormente, foi realizada uma análise das mesmas buscando estabelecer um conhecimento e ampliar a compreensão sobre o tema pesquisado e elaborar o referencial teórico.



FACULDADE ÁGORA  
3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA DA FAG  
2022/02



### 3 DESENVOLVIMENTO

A resiliência, mesmo sendo uma temática relativamente recente em psicologia (MASTEN, 2018), tem sido considerada um construto relevante, associado à apresentação de uma resposta de adequação positiva de superação diante das adversidades (INFANTE, 2007; MASTEN, 2014).

Esta capacidade de adaptar-se positivamente é, atualmente, entendida como fundamental para os indivíduos, uma vez que a sociedade moderna apresenta inúmeros desafios, os quais envolvem aspectos de saúde física, emocional, condições de risco ambiental, social e econômico (MASTEN, 2014).

Sendo assim, é importante que os indivíduos encontrem recursos que os capacitem a manejar, enfrentar e superar tais adversidades, esses mecanismos de enfrentamento não são úteis apenas para reagir às dificuldades severas, mas também para lidar com os desafios e transições do dia a dia, os pais ou responsáveis podem abordar essas dificuldades comuns como oportunidades para incentivar essas habilidades. Além disso, ao aprender a lidar positivamente com as mudanças em sua vida cotidiana, as crianças podem construir um senso de autoeficácia e controle percebido que as conduzirá aos desafios futuros (MASTEN, 2018; PRINCE-EMBURY, 2007).

Entretanto Benson et al. (2006) afirmam que existe atualmente uma visão mais positiva e integradora de resiliência, associando o seu conceito a modelos baseados nas forças individuais e focado na compreensão dos processos epigenéticos e neurobiológicos do cérebro em desenvolvimento, com enfoque particular nos pontos de viragem e seu efeito nas experiências que aumentam as oportunidades e a capacidade de enfrentamento perante as adversidades. Estas investigações revestem-se de grande importância, sobretudo pelos benefícios que aportam na perspectiva das crianças e jovens. Os recursos da resiliência na criança e no jovem, incluem diferentes domínios, nomeadamente recursos internos, ambiente familiar e ambiente social. As características internas, representam as forças e competências individuais, como temperamento, comunicação, controle dos impulsos, administração das emoções, capacidades de aprendizagem, de auto-eficácia, auto-estima e habilidades adaptativas, construtos considerados protetores, que se desenvolvem cedo na vida de forma progressiva, mas sujeitos às variações conforme o comportamento dos pais com os filhos e a forma de como a criança busca soluções e adaptações a novas realidades. Desta forma, as



**FACULDADE ÁGORA**  
**3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO**  
**CIENTÍFICA DA FAG**  
**2022/02**



circunstâncias da vida têm um impacto real na promoção da resiliência (SUN J, STEWART D, 2012).

Ainda na temática da resiliência, Tavares (2001) afirma que muitas crianças apresentam problemas em seu desenvolvimento, tanto relacionados à conduta como ao desequilíbrio emocional, tais problemas ocorrem por enfrentamento de eventos estressantes e de risco no seu dia a dia. Algumas superam as dificuldades impostas por um ambiente hostil e se desenvolvem dentro de padrões esperados para o seu desenvolvimento, permanecendo na escola, tendo amigos e bom relacionamento familiar. No futuro, serão adultos que irão encontrar trabalho e serão socialmente competentes e produtivos, essa forma de lidar com situações difíceis traduziria sua resiliência, pois respondem de modo consistente e positivo aos desafios e às dificuldades, além de reagirem com flexibilidade diante de circunstâncias desfavoráveis, através de uma atitude otimista e perseverante.

De acordo com Oliveira et al. (2012) quando tomamos as características dos diferentes estágios do ciclo vital é possível observar que a infância é uma etapa importante para a aquisição de habilidades físicas, cognitivas e emocionais, marcada por um percurso de desenvolvimento que não se mostra linear e nem sempre tranquilo, mas cunhado por situações potencialmente adversas, conseqüentemente, o estudo dos riscos de curto e longo prazo à saúde e ao bem-estar de crianças que vivenciaram experiências adversas, especialmente aquelas prolongadas, cumulativas e que ocorrem em períodos importantes do desenvolvimento, tem reforçado um interesse global na investigação da resiliência na infância conforme ressalta Masten & Barnes (2018).

Masten (2018; 2021 ) argumenta que na criança a resiliência dependerá dos recursos e suporte disponíveis, especialmente provindos dos sistemas com os quais a criança interage. Nesse sentido, os resultados desses eventos adversos poderão ser influenciados por fatores como a gravidade do evento, o contexto vivenciado antes e depois dele, o período desenvolvimental, as diferenças individuais e os recursos familiares, escolares e sociais, assim como o suporte externo que a família recebe.

Rutter et al. (2007; 2012) afirmam que fatores protetores e promotores de resiliência estão associados sobretudo à autoconsciência, à compreensão das próprias emoções, forças, fraquezas e necessidades. Segundo Benson et al. (2006), Wright et al. (2013) estes recursos transportam-nos para uma visão mais positiva e integradora da resiliência, associada a modelos baseados nas forças internas individuais e que vão sendo desenvolvidos através da exposição



**FACULDADE ÁGORA**  
**3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO**  
**CIENTÍFICA DA FAG**  
**2022/02**



natural e gradual a dificuldades em níveis administráveis. Além disso, enquadra-se na perspectiva de que a resiliência enquanto processo não é imutável, antes desenvolve-se e modifica-se ao longo da vida, necessitando do equilíbrio entre fatores de risco e proteção e de capacidade de os gerir, de acordo com as características desenvolvimentais.

Emerge-se, após os estudos iniciais sobre a resiliência, a primeira geração de pesquisadores, os quais buscaram desvendar os fatores protetores que permeiam a base desta adaptação positiva de crianças em situação de adversidade (KAPLAN 1999, apud. INFANTE, 2005, p. 24). Posteriormente, surge a segunda geração de pesquisadores que expandem este tema por meio de dois aspectos: “a noção de processo, que implica a dinâmica entre fatores de risco e de resiliência, que permite ao indivíduo superar a adversidade, e a busca de modelos para promover resiliência de forma efetiva em termos de programas sociais”. Empreende-se assim a importância de estudar e entender a resiliência, analisando o processo desta criança, tal como seus fatores de risco e sua resiliência diante destes, para assim esta poder suprir um déficit social vivenciado. Vale ressaltar, que para colaborar com a obtenção da resiliência é preciso também alguns modelos que promovam este requisito, como programas sociais (INFANTE, 2005, p. 24).

Além disso, para esclarecer melhor este termo atualmente, Infante (2005, p. 26) esclarece que o conceito mais aceito é o da segunda geração dos pesquisadores Luthar e outros (2000), os quais alegam que a resiliência é “um processo dinâmico que tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade” (p. 543). Portanto, dentro deste conceito, estes autores alinham três componentes essenciais presentes no conceito citado, sendo eles: adversidade, adaptação positiva e processo.

A adversidade é um termo com ênfase nos fatores de riscos vivenciados por um indivíduo, como um luto experienciado ou, também, a passagem ou continuação da pobreza durante sua infância. Assim, ela “pode ser definida objetivamente por meio de instrumentos de medição ou, subjetivamente, pela percepção de cada indivíduo” (LUTHAR, CICCHETTI e BECKER, 2000; LUTHAR e CUSHING, 1999; KAPLAN, 1999; apud. INFANTE, 2005, p. 24).

A adaptação positiva é o que permite a identificação de uma possível ocorrência de resiliência, visto que ela pode ser considerada positiva quando o indivíduo alcançou expectativas sociais associadas a uma etapa de desenvolvimento ou quando não houve sinais de desajuste. Em ambos os casos, se a adaptação positiva ocorre, apesar da exposição à adversidade, considera-se uma adaptação resiliente” (INFANTE, 2005, p. 27).



**FACULDADE ÁGORA**  
**3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO**  
**CIENTÍFICA DA FAG**  
**2022/02**



Segundo Luthar, Cicchetti e Becker (2000, apud INFANTE, 2014) é de suma importância ressaltar que dentro desta adaptação positiva, existem três aspectos essenciais, sendo: A conotação ideológica associada à adaptação positiva: a qual, para Masten (1994) se baseia em um conceito de desenvolvimento normal que varia conforme cada cultura; A heterogeneidade nas diferentes áreas do desenvolvimento humano: onde se fala de não haver uma adaptação resiliente igual nas áreas de desenvolvimento, como área cognitiva de conduta social e emocional; E a variabilidade ontogenética: a qual alega que a resiliência é um processo promovido durante o ciclo da vida.

O último conceito dentro da resiliência é o processo, o qual é algo que descarta a concepção de resiliência como algo pessoal e alega que a adaptação positiva “não é uma tarefa apenas da criança, mas que família, escola, comunidade e sociedade devem prover recursos para que a criança possa se desenvolver mais plenamente” (INFANTE, 2005, p. 30).

Ainda no que diz respeito a resiliência, em uma pesquisa realizada por Trindade (2015) com 30 crianças e jovens acolhidos em centros de acolhimento temporário em 7 locais diferentes da região norte do país, teve como objetivo analisar indicadores de resiliência e aumentar o conhecimento disponível sobre o modo como elas vivenciam a sua institucionalização, para levantamento de dados a autora utilizou a Escala de Resiliência (RS), o Inventário de Estratégias de Coping (SCSI) e a Escala de Ansiedade, Depressão e Stresse (EADS), os resultados obtidos apontam para a existência de níveis moderados de resiliência em ambos os sexos. Uma análise mais detalhada às componentes da RS permitiu verificar pontuações mais elevadas na subescala “autoconfiança”, seguindo-se a “perseverança”, o “sentido de vida” e, finalmente, a “auto-suficiência”. Em relação à SCSI, os valores obtidos demonstram que as Estratégias de Coping mais utilizadas são as de “distração cognitiva e comportamental”, seguindo-se as “estratégias ativas” (sobretudo as centradas na resolução de problemas) e a “exteriorização de aspetos negativos”. A pesquisa ainda apontou que são as crianças/jovens do sexo masculino quem mais utiliza a exteriorização de aspetos negativos apresentando no uso desta estratégia diferenças estatisticamente significativas comparativamente às meninas. Quanto à eficácia das estratégias utilizadas, os participantes consideraram como mais eficazes as estratégias de “distração cognitiva e comportamental” e como menos eficazes, as de “exteriorização de aspetos negativos”. Por fim, relativamente à EADS, verificou-se que as crianças/jovens apresentam valores globalmente reduzidos, quer para a ansiedade, quer para a depressão. Apesar das meninas apresentarem menor ansiedade e estresse e níveis mais elevados de depressão do que os meninos, estas diferenças não foram estatisticamente significativas. De um modo geral, os resultados evidenciam que apesar da



## FACULDADE ÁGORA 3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAG 2022/02



condição de institucionalizados e de todas as repercussões que tal acarreta para os projetos de vida destas crianças e jovens, os participantes neste estudo apresentaram níveis moderados de resiliência.

Em outra pesquisa realizada por Conzatti e Mosmann (2015) com 10 crianças, sendo 5 meninos e 5 meninas, acolhidos em abrigos residenciais, utilizando-se da escala de resiliência desenvolvida por Wagnild e Young e adaptada ao contexto brasileiro por Pesce et al. (2005), que objetiva medir níveis de adaptação psicossocial positiva perante os acontecimentos importantes na vida por meio de 25 itens descritos de forma positiva, com respostas em escala likert, variando entre 1 (discordo totalmente) e 7 (concordo totalmente), os escores da escala ocorrem entre 25 a 175 pontos, com valores altos indicando elevada resiliência. Na segunda etapa foi utilizada uma entrevista semiestruturada e teve por objetivo conhecer as percepções dos participantes diante dos fatores de risco sob os quais estes viviam, a entrevista foi baseada em perguntas referentes à moradia anterior ao acolhimento, tanto condições quanto sentimentos e pessoas com quem conviviam, também em relação aos motivos do acolhimento, se a criança conhece ou não, também foram questionadas sobre as suas percepções, opiniões e sentimentos sobre eventos bons e ruins em suas vidas, bem como sobre pessoas que consideram importantes, dentro e fora do abrigo. Neste estudo, foram obtidos índices altos de resiliência, entre 134 e 163 pontos em 7 das 10 crianças que participaram, os outros 3 participantes, mesmo não tendo atingido índices altos, obtiveram índices considerados médios, entre 100 e 124 pontos, segundo critérios da escala (PESCE et al., 2005). Ou seja, entre os participantes deste estudo, nenhum apresentou índice baixo ou médio/baixo de resiliência. Esse dado condiz com o do estudo de Garcia et al. (2009), feito com crianças de baixa renda, no qual constataram que 82% da população estudada apresentou altos escores de resiliência.

Por fim, acredita-se que atualmente a resiliência infantil pode ser entendida como uma característica desenvolvida pelo próprio indivíduo e através do apoio familiar, fato que esclarece tal opinião é o conceito de variabilidade ontogenética presente na adaptação positiva, citada anteriormente, onde esta acredita que o “argumento de variabilidade ontogenética sugere que, se o ambiente, a família e a comunidade seguem apoiando o desenvolvimento da criança e promovendo os recursos de que possa necessitar para superar as adversidades, existe alta probabilidade de que o indivíduo continue se adaptando positivamente através do tempo” (WERNER E JOHNSON, 1999, apud. INFANTE, 2005, p. 28).

## 4 RESULTADO E DISCUSSÕES



### FACULDADE ÁGORA 3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAG 2022/02



Diante de tal contexto, observa-se que estudar o desenvolvimento humano, é uma tarefa complexa, pois envolve a busca pela compreensão de mudanças físicas, mentais, sociais e emocionais que ocorrem ao longo da vida de um indivíduo. E portanto é fundamental que exista o intercâmbio entre diferentes áreas do conhecimento (PALACIOS, 2004).

No que diz respeito à psicologia, nota-se, que tem sido enfatizada a busca pelo compreensão dos diferentes estágios do ciclo vital, destacando padrões de comportamentos estáveis e variáveis, e de suas condições internas e externas (BECKER, BANDEIRA, GHILARDI, HUTZ, & PICCINI, 2013). De modo geral, o que se pode notar é que o percurso do desenvolvimento não se caracteriza por ser linear e tranquilo, mas sim, mostra-se cunhado por situações desafiadoras, potencialmente estressoras e adversas (PRINCE-EMBURY, 2010).

Nesse sentido, Masten (2021) afirma que na criança, a resiliência dependerá dos recursos e suporte disponíveis, especialmente provindos dos sistemas com os quais a criança interage, como a criança lida com fatores estressantes. Independentemente, os resultados desses eventos adversos poderão ser influenciados por fatores como a gravidade do evento, o contexto vivenciado antes e depois dele, o período desenvolvimental, as diferenças individuais, os recursos familiares, escolares e sociais, assim como o suporte externo que a família recebe.

Por outro lado os autores Hutz, Koller & Bandeira (1996) apresentam que o crescimento de crianças em situação de pobreza é ressaltado por diversos pesquisadores como uma ameaça ao bem-estar e uma limitação de oportunidades de desenvolvimento. Bem como os autores Kim-Cohen, Moffitt, Caspi & Taylor (2004) ressaltam que a pobreza não é uma variável unitária, mas um conjunto de condições e eventos desfavoráveis que se enlaçam e se acumulam. A UNICEF (2001) postula que “assim como bem-estar significa mais do que riqueza, pobreza significa mais do que renda insuficiente para cobrir as necessidades mínimas de uma família” (p. 27).

Novas informações têm surgido recentemente e demonstram que nem sempre a criança que cresce em situações desfavoráveis terá uma vida infeliz. O estudo desenvolvido por Alvarez, Moraes e Rabinovich (1998) pode ser tomado como exemplo, os autores constataram que crianças, que tiveram longa permanência em orfanatos, apontaram a instituição como norteadora e mediadora de situações de risco na infância. Atribuíram a ela, auxílio na formação de seus comportamentos, podendo representar a função de parentagem, ou seja, o exercício educativo de responsabilizar, dirigir e mostrar o caminho. Esta representação positiva da instituição foi possível, porque favoreceu a essas crianças que utilizassem sua capacidade de resiliência.



**FACULDADE ÁGORA**  
**3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO**  
**CIENTÍFICA DA FAG**  
**2022/02**



Contudo existem outros estudos que apontam uma ampla e diversificada lista de atributos cognitivos e de personalidade, que estão diretamente interligadas com comportamentos de crianças resilientes, sendo elas: habilidades intelectuais, temperamento flexível, autonomia, autoeficácia, socialização, estratégias eficazes de enfrentamento (coping), habilidades de comunicação, alta tolerância à frustração, expressão de emoções, afetos positivos, empatia, controle emocional frente à críticas e adversidades, níveis de excitação moderados, estilo de resposta reflexiva, iniciativa, estado de alerta e atenção concentrada, comportamentos considerados amigáveis e socialmente aceitos, animação, facilidade em estabelecer relacionamentos com adultos e outras crianças e busca por suporte social conforme indicado por Prince- Embury, (2013) e Milgram & Palti, (1993).

Outras características que desenvolvem a resiliência na infância são enfatizadas como vínculo importante com um dos cuidadores nos primeiros anos de vida, competências sociais associadas à forte senso de independência, perspectiva otimista frente às adversidades e ao sofrimento e condutas que envolvam atitudes altruístas e de auxílio ao próximo, bem como capacidades intelectuais elevadas, habilidades de enfrentamento (coping) frente às adversidades, temperamento flexível, motivações internas, regulação de emoções positivas e de impulsos, e autoconceito positivo relatada por Zolkoski & Bullock (2012).

Portanto, como demonstrado a resiliência minimiza os efeitos negativos da adversidade e maximiza as habilidades (MORAES, RABINOVICH, 1996). Dessa forma, a compreensão do termo resiliência no desenvolvimento, é parte do entendimento e da prevenção de dificuldades psicológicas e de desajustes sociais, e que a atenção atual às crianças resilientes existe em função da mudança de foco para a prevenção primária, decorrente de pressões econômicas associadas ao crescimento da demanda por serviços de saúde, principalmente mental e desejo de justiça social.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se concluir que a resiliência é um tema relativamente novo e com poucos estudos que evidenciam o tema em discussão, contudo, com estudos crescentes nos últimos anos, é



### FACULDADE ÁGORA 3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAG 2022/02



possível afirmar que a capacidade resiliente está ligada a fatores ambientais, familiares, sociais, econômicos e emocionais.

Conclui-se ainda que para que seja possível alcançar seres humanos mais saudáveis o processo de resiliência é de suma importância, pois, assim estarão preparados para lidar com as mais diversas situações estressantes do dia a dia. Este processo advém da adaptação positiva, a qual consegue proporcionar à criança uma visão mais convicta perante um acontecimento enfrentado pela mesma. Através desta perspectiva a criança consegue obter um controle ao enfrentar desafios futuros, pois a mesma se sentirá como se possuísse uma força individual capaz de lidar com situações difíceis.

Observou-se também que as características internas representam as competências individuais capazes de suprimir as adversidades, como: controle de impulsos, administração das emoções, capacidades de aprendizagem e habilidades adaptativas.

É importante compreender e ressaltar que a infância é uma etapa importante para a aquisição de habilidades físicas, cognitivas e emocionais, sendo assim uma fase da vida vital para o desenvolvimento saudável do indivíduo, cabendo aos pais ou cuidadores, proporcionar apoio e segurança para que as crianças percebam a capacidade de aprender, de se comunicar e consequentemente se socializar, sendo que a interação social é altamente eficaz pois proporciona condições favoráveis e desfavoráveis, fazendo com que a criança desperte competências adaptativas, assim construindo e desenvolvendo a resiliência durante o seu desenvolvimento.

Nota-se a necessidade da intervenção dos poderes públicos na busca de manter o equilíbrio e controle das situações que podem oferecer situações de risco ao desenvolvimento.

Por fim, compreende-se que a criança precisa de apoio durante seu desenvolvimento e que esse apoio irá garantir a ela melhor desenvoltura e capacidade de lidar com as situações adversas que encontrará durante todas as fases da vida.

## 6 REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A. S., MORAES, M. C. L. & RABINOVICH, E. P. (1998). Resiliência: Um estudo com brasileiros institucionalizados. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 8(1/2), 70-75.

ANGST, Rosana. "PSICOLOGIA E RESILIÊNCIA: Uma revisão de literatura". *Psicol. Argum.* 2009 jul./set., 27(58), 253-260. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/20225/19509>>. Acesso em: 04 de maio de 2022.



FACULDADE ÁGORA  
3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA DA FAG  
2022/02



BECKER, S. M. S., BANDEIRA, C. M., GHILARDI, R. B., HUTZ, C. S., & Piccinini, C. A. (2013). Psicologia do desenvolvimento infantil: publicações nacionais na primeira década do século XXI. *Psico*, 44 (3), 372 – 381. Retirado de: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413).

BENSON PL et al. (2006), Aparício, Graça et al. Estudo comparativo da percepção de resiliência por pais e crianças/adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem* [online]. 2020, v. 33 [Acessado 12 Junho 2022], e-APE 20190178. Disponível em: <<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0178>>. Epub 23 Mar 2020. ISSN 1982-0194.

CONZATTI, Rosemara; MOSMANN, Clarisse. Resiliência em crianças acolhidas: suas percepções sobre as adversidades. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 352-378, ago. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682015000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 nov. 2022.

DELVAN, Josiane da S; Becker, Ana Paula S.; BRAUNN, Karoline. “FATORES DE RISCO NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS E A RESILIÊNCIA: UM ESTUDO TEÓRICO”. *Revista de Psicologia da IMED*, vol.2, n.1, p. 349-357, 2010.

FONAGY, P., STEELE, M., STEELE, H., HIGGITT, A., & TARGET, M. (1994). The Emanuel Miller Memorial Lecture 1992: The theory and practice of resilience. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35 (Suppl. 2), 231-257.

GARCIA et al. (2009). CONZATTI, Rosemara; MOSMANN, Clarisse. Resiliência em crianças acolhidas: suas percepções sobre as adversidades. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 352-378, ago. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682015000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000200009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 nov. 2022.

GIL, Antônio Carlos.(2002) “Como elaborar projetos de pesquisa”. São Paulo: Atlas, 4 ed, 2002. Disponível em: <<https://portais.univasf.edu.br/medicina-pa/pesquisa/producao-cientifica/experiencias-qualitativas-ebook>>. Acesso em 27 de abril de 2022.

GIL, Antônio Carlos (2010). Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Acesso em 26 de abril de 2022.

HUTZ, C.; KOLLER, S. H.; BANDEIRA, D. R. Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. *Coletâneas da ANPEPP*, v. 1, n. 12, p. 79-86, 1996.

INFANTE, Francisca. A RESILIÊNCIA COMO PROCESSO: UMA REVISÃO DA LITERATURA RECENTE. Aldo Melillo, Elbio Néstor Suárez Ojeda & cols. 2005. Disponível em: <<https://statics-submarino.b2w.io/sherlock/books/firstChapter/17938785.pdf>>. Acesso em: 04 de maio de 2022.

INFANTE e MASTEN (2007, 2014), Oliveira, K. D. S. (2019). Marcadores de Resiliência Infantil: Construção de Instrumento e Investigação de suas Qualidades Psicométricas. Disponível em: < <http://repositorio.sis.puc->



FACULDADE ÁGORA  
3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA DA FAG  
2022/02



[campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15763/ccv\\_ppgpsico\\_dr\\_Karina\\_SO.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15763/ccv_ppgpsico_dr_Karina_SO.pdf?sequence=1&isAllowed=y) >. Acesso em: 26 de junho de 2022.

JULIANO, Maria Cristina Carvalho; YUNES, Maria Angela Mattar. “REFLEXÕES SOBRE REDE DE APOIO SOCIAL COMO MECANISMO DE PROTEÇÃO E PROMOÇÃO DE RESILIÊNCIA”. *Ambiente & Sociedade*, São Paulo v. XVII, n. 3 n p. 135-154 n jul.-set. 2014. Disponível em:  
<<https://www.scielo.br/j/asoc/a/BxDVLkfcGQLGXVwnHp63HMH/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 25 de outubro de 2022.

KAPLAN, H. (1999): “Toward an understanding of resilience: A critical review of definitions and models”, en Glantz, M.; Johnson, J. (eds.), *Resilience and development: positive life adaptations*, New York, Plenum Publishers, p. 17-84.

KIM-COHEN, MOFFITT, CASPI & TAYLOR, (2004) POLETTI, Michele, WAGNER, Tânia Maria Cemin e KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2004, v. 20, n. 3 , pp. 241-250. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000300005>>. Acesso em: 16 Outubro 2022.

LUTHAR, S. (1999): *Poverty and Children’s Adjustment*, Newbury Park, CA, Sage Publications. (2001): “Sugerencias al documento escrito por Infante (2001b)”.

LUTHAR, S.; CICHETTI, D. (no prelo): “The construct of resilience: Implications for interventions and social policy”, *Development and Psychopathology*.

LUTHAR, S.; CICHETTI, D.; BECKER, B. (2000): “The Construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work”, *Child Development*, 71 (3), p. 543-558.

LUTHAR, S.; CUSHING, G. (1999): “Measurement issues in the empirical study of resilience: An overview”, en Glantz, M.; Johnson, J. (eds), *Resilience and Development: Positive Life Adaptations*, New York, Plenum Publishers, p. 129-160.

MASTEN (2021), OLIVEIRA, Karina da Silva; NAKANO, Tatiana de Cássia; PEIXOTO, Evandro Morais. Marcadores de Resiliência Infantil: Evidências de Validade para Estrutura Interna e Precisão. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 41, e220979, 2021 . Disponível em: <[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext & pid=S1414-98932021000100117 & lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid=S1414-98932021000100117 & lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 12 Junho 2022.

MASTEN, A. (1994): “Resilience in individual development: Successful adaptation despite risk and adversity”, en Wang, M.; Gordon, E. (eds.), *Educational Resilience in Inner-City America: Challenges and Prospects*, New Jersey, Lawrence Erlbaum, p. 3-27.

MASTEN, A. S. (2018). Resilience theory and research on children and families: Past, present, and promise. *Journal of Family: Theory & Review*, 10(1), 12-31. doi:10.1111/jftr.12255. < <https://doi.org/10.1111/jftr.12255>>.



FACULDADE ÁGORA  
3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA DA FAG  
2022/02



MILGRAM, N. A., & PALTÍ, G. (1993). Psychosocial characteristics of resilient children. *Journal of research in personality*, 27 (1), 207 – 221. doi: 10.1006/jrpe.1993.1015 208  
Muthén, L. K. & Muthén, B. O. (2012). *Mplus User's Guide* (7th ed.). Los Angeles, CA.

MORAES, Maria Cecília Leite de; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Resiliência: Uma discussão introdutória. *Rev. Bras. Cresc. Desenv. Hum.*, SãoPaulo. 6(1/2), 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/38369/41212>>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.

OLIVEIRA et al (2012), OLIVEIRA, Karina da Silva; NAKANO, Tatiana de Cássia; PEIXOTO, Evandro Morais. Marcadores de Resiliência Infantil: Evidências de Validade para Estrutura Interna e Precisão. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 41, e220979, 2021 . Available from <[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932021000100117&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932021000100117&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 12 Junho 2022. Epub Sep 24, 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003220979>.

PALACIOS, J. (2004). Psicologia evolutiva: conceito, enfoques, controvérsias e métodos. In: C. Coll, A. Marchesi, & J. Palacios (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação* (pp. 13 – 52). Porto Alegre, RS: Artmed.

PAULA JÚNIOR, W., & ZANINI, D. (2011). Estratégias de coping de pacientes oncológicos em tratamento radioterápico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 491-497. doi: 10.1590/S0102-37722011000400013.

PESCE et al., (2005). CONZATTI, Rosemara; MOSMANN, Clarisse. Resiliência em crianças acolhidas: suas percepções sobre as adversidades. *Psicol. rev. (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte , v. 21, n. 2, p. 352-378, ago. 2015 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682015000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682015000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 nov. 2022.

POLETTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena; “Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção”. *Estudos de Psicologia (Campinas)*. 2008, v. 25, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000300009>>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.

POLETTO, Michele; WAGNER, Tânia Maria Cemin. “Resiliência e Desenvolvimento Infantil de Crianças que Cuidam de Crianças: Uma Visão em Perspectiva”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* Set-Dez 2004, Vol. 20 n. 3, pp. 241-250. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/rvYC4jYB5Wvr4GhgNDcKpQr/?format=pdf&lang=p>>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.

PRINCE-EMBURY, S. (2007). Resilience Scales for Children and Adolescents: A Profile of Personal Strengths – test review. *Canadian Journal of School Psychology*, 22 (2), 255 – 261. doi: 10.1177/0829573507305520.

PRINCE-EMBURY, S. (2010a). Introduction to special issue: assessing resiliency in children and adolescents. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 28 (4), 287 – 290. doi: 10.1177/0734282910366830.



FACULDADE ÁGORA  
3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA DA FAG  
2022/02



PRINCE-EMBURY, S. (2010b). Psychometric properties of the Scales for Resiliency for Children and Adolescents and use for youth with psychiatric disorders. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 28 (4), 291 – 302. doi: 10.1177/0734282910366832.

PRINCE-EMBURY, S. (2013). Translating resilience theory for assessment and application with children, adolescents, and adults: conceptual issues. In S. Prince-Embury, & D. H. Saklofske (Orgs.), *Resilience in Children, Adolescents, and Adults: Translating Research into Practice* (pp. 9 – 16). New York, NY: Springer.

OLIVEIRA, Karina da Silva; NAKANO, Tatiana de Cássia; PEIXOTO, Evandro Morais. Marcadores de Resiliência Infantil: Evidências de Validade para Estrutura Interna e Precisão. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 41, e220979, 2021. Available from <[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932021000100117&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932021000100117&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 31 Outubro 2022. Epub Sep 24, 2021. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003220979>.

RUTTER, M (2007) Aparício, Graça et al. Estudo comparativo da percepção de resiliência por pais e crianças/adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem* [online]. 2020, v. 33 [Acessado 12 Junho 2022], e-APE 20190178. Disponível em: <<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0178>>. Epub 23 Mar 2020. ISSN 1982-0194.

SEMENSATO, Marcia Rejane; BOSA, Cleonice Alves. “Crenças Indicativas de Resiliência Parental no Contexto do Autismo”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 33, pp. 1-10. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ptp/a/VFvqMGdVhhqv5pC7NrXTQqr/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 24 de outubro de 2022.

SILVA, E.L. da; MENEZES (2001) E.M Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SOUZA, Marilza Terezinha Soares de; CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. “Resiliência Psicológica: Revisão da Literatura e Análise da Produção Científica”. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology* - 2006, Vol. 40, Num. 1 pp. 119-126. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/284/28440113.pdf>>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.

SUN J, STEWART D (2012). Aparício, Graça et al. Estudo comparativo da percepção de resiliência por pais e crianças/adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem* [online]. 2020, v. 33 [Acessado 26 Junho 2022], e-APE20190178. Disponível em: <<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0178>>. Epub 23 Mar 2020. ISSN 1982-0194.

TAVARES (2001), Poletto, Michele; WAGNER, Tânia Maria Cemin; KOLLER, Sílvia Helena. Resiliência e desenvolvimento infantil de crianças que cuidam de crianças: uma visão em perspectiva. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 20, n. 3, pág. 241-250, dezembro de 2004. Disponível em: <[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722004000300005&lng=en&nrm=iso](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 12 de junho de 2022.



FACULDADE ÁGORA  
3º ENCONTRO DE INICIAÇÃO  
CIENTÍFICA DA FAG  
2022/02



TRINDADE, Joana Raquel Monteiro Pinheiro Pereira da. **Resiliência em crianças e jovens acolhidos em centros de acolhimento temporário.** (2015). Tese de Doutorado, acessada em 13 de novembro de 2022. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.26/10554>>

UNICEF (2001). Situação da infância brasileira São Paulo: B&C Revisão de Textos.

WALSH, F. (2012). Family resilience: Strengths forged through adversity. In Normal family processes (pp. 339-427). New York: Guilford Press.

WERNER, E.; JOHNSON, J. (1999): “Can we apply resilience?”, en Glantz, M. e Johnson, J. (eds), Resilience and development: positive life adaptations, New York, Plenum Publishers, p. 259-268.

WRIGHT M, MASTEN A e NARAYAN A. (2013), Aparício, Graça et al. Estudo comparativo da percepção de resiliência por pais e crianças/adolescentes. Acta Paulista de Enfermagem [online]. 2020, v. 33 [Acessado 12 Junho 2022] , e-APE 20190178. Disponível em: <<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO0178>>. Epub 23 Mar 2020. ISSN 1982-0194.

ZOLKOSKI, S. M., & BULLOCK, L. M. (2012). Resilience in children and youth: a review. Children and Youth Services Review, 34 (1), 2295 – 2303. doi: 10.1016/j.chilyouth.2012.08.009.